

CORREIO DO VOUEGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

DISCIPLINA

Não ha sociedade sem disciplina. Uma collectividade ecclesiastica ou leiga, civil ou militar, sem disciplina é um agregado heterogeneo sem cohesão moral, um organismo depauperado onde a anemia primeiro, e a grangrena depois, não se demoram a fazer sentir os seus effectos. A disciplina é uma lei tão imprescindivel e immutavel que tudo e todos, consciente ou inconscientemente, a procuram e se subordinam a ella. Para não descermos mais baixo na escala dos seres creados, e para darmos um exemplo de facil e quotidiana observação, citaremos apenas a admiravel constituição e a rigorosa disciplina das abelhas e a não menos sensata organização e racional espirito methodico das formigas, das quaes um illustre naturalista, descrevendo um formigueiro, diz: «Um formigueiro é uma verdadeira cidade em que todos os habitantes se comprehendem, se ajudam, distribuindo o trabalho, e vivem sem desordem e sem conflictos, na ausencia de qualquer soberano. O interesse commum é a unica lei.»

Ora eis um modelo eloquente de uma democracia ideal e até de mais que uma democracia, fornecido por modestos insectos, que nós nos esforçamos por exterminar, e que realisam dentro da sua existencia comesinha, sem brigas, nem doestos, pacientemente, laboriosamente, o que os homens nunca conseguiram pôr em pratica durante tantos seculos de luta intellectual e material accessa.

Por qual insoffrivel e rebelde que seja qualquer character, basta-lhe um minuto de reflexão para comprehender que a disciplina é a base d'esse complicado e grandioso edificio chamado sociedade, seja qual for a norma politica por que se reja, o systema de governo que adopte, Monarchia ou democracia, se a sociedade sobre que exerce a sua acção não assenta nos alicerces da mais estricte e salutar disciplina, tem os seus dias contados, offerece-se indefez aos multiplos perigos de indole interna, apresenta-se desarmada ante quaesquer ambições ou hostilidades que lhe venham do exterior. Confirma este asserto a monarchica Inglaterra e a democratica Suissa, paizes, um muito grande e outro muito pequeno, que pela sua alta comprehensão do que é a disciplina social, gosam de uma paz interna e externa e de um respeito que lhes valem larga prosperidade e riqueza e uma força moral de não menor preço.

Se transitarmos da disciplina em globo para as suas particularidades, como por exemplo para a disciplina militar, ainda adquire maior vulto, por que são as partes que constituem a homogeneidade do todo, e esta parte é certamente a mais importante, visto appoiar-se na disciplina militar a integridade e a honra da nação. Quem tendo o subido orgulho de vestir um uniforme, não é disciplinado e não concorre para que a disciplina seja mantida, é, não só

um mau militar, mas principalmente um pessimo patriota.

Houve tempo que a disciplina militar amedrontava as almas tímidas e dubias. Hoje não ha razão para isso. Hoje a legislação especial que vigora para o exercito distribue com equal cuidado e justiça direito e prerogativas, desde os postos mais elevados até o bisonho recruta. Cada um tem as suas attribuições perfectamente definidas: se cumpre o seu dever todos o estimam; se delinque ou exorbita, o castigo não se fará esperar, e isto não importa para que graduado. O que se torna necessario é que todos se disciplinem, e que aquelles que teem por honroso encargo essa missão, disciplinem tambem.

A Historia regorgita de milagres operados pela disciplina, porque esta não significa mais do que um reciproco respeito pelos direitos de cada um. Vamos relatar alguns que nos occorrem neste instante á memoria.

A França orgulha-se, com justo motivo, da corajosa morte de uma parte da tripulação da fragata *Vengeur*. A 1 de junho de 1794 esse navio, commandado pelo capitão de mar e guerra Renaudin, depois de um combate renhido com a esquadra do almirante inglês lord Howe, nas costas de França, abre agua por todos os lados. De bordo das naus britannicas arriam escaletas para salvar os seus bravos contedores. Uma parte aproveitase da humanitaria hospitalidade, mas cerca de duzentos marinheiros, depois de pregar a bandeira tricolor no que restava do mastro da mezena, preferem ir a pique com o casco do navio a render-se ao inimigo.

Annos depois, nos fins do seculo XVIII, uma fragata inglesa, cujo nome não nos acode, transportava para a India um regimento d'aquella nacionalidade. Pelas alturas do Cabo da Boa Esperança o navio soffre um rombo importante. As bombas, todos os esforços são inuteis para salvar o barco. Arranja-se á pressa uma jangada, lança-se ao mar todas as embarcações, mas lá não cabem senão as mulheres e os marinheiros indispensaveis para as tripular. O coronel do regimento manda formar este, explica numa pequena allocução que é preciso morrer, mas morrer deixando um exemplo de disciplina, talvez unico, na Historia, e á medida que a fragata se afunda essas centenas de homens cantam o hymno da sua patria, debaixo de forma e de bandeira desfraldada. O facto é tão immensamente grande nos annos do exercito inglez que não ha escola em Inglaterra ou nas colonias que não possua uma estampa commemorando o acontecimento.

Proximo da segunda metade do seculo XIX surge um regimento infanteria portugueza subordinada-se e matara o seu coronel e dois dos officiaes superiores. Era ministro da guerra José Jorge Loureiro, que nomeou para o commando de esse corpo, para o disciplinar, um official energico mas ao mesmo

tempo ponderado, não nos recorda bem se o barão da Batalha, Grim Cabreira. O novo commandante partiu. Numa povoação antes de aquella onde o regimento estava aquartellado, a officialidade veiu esperar o coronel e aconselhou-o a que não fosse mais para deante porque os insubordinados o matariam. Ouvia este, silencioso, os conselhos e quando acabou a prevenção, limitou-se a dizer:

— Meus senhores, venham vêr como um coronel morre á frente do seu regimento.

E em seguida virando-se para o ajudante determinou-lhe que tomara o commando do regimento d'alli a horas, á meia noite. As companhias formaram os *claudes de marcha*, como é regulamentar, e com os sessenta cartuchos embalados. Os soldados ficaram surpreendidos com a determinação para essa formatura nocturna, quasi ás escuras, e por consequencia mais propicia a qualquer acto de insubordinação, mas mais surpreendidos ficaram quando após algumas manobras, o coronel mandou carregar as armas, que não o podiam ser senão com bala porque não tinham outro cartuchame e em seguida mandou ensarilhar as espingardas e destroçar. Apeou-se, andou por meio d'elles e não houve uma só praça que lhe faltasse ao respeito. Este acto de louca coragem dominara completamente a rebeldia dos mais exaltados. Semanas depois o corpo era um modelo de disciplina e de valentia, como o provou em varias batalhas.

O avô do actual kaiser, o rei Guilherme I da Prussia, o monarcha militar por excellencia, instituiu uma medalha para premiar o valor civil. A primeira vengera foi conferida a um modesto agulheiro do caminho de ferro. O heroico homem no momento em que dois comboios caminhavam em sentido opposto, na mesma via, tinha que fazer a «agulha», para um d'elles seguir para uma linha de desvio. Nesse momento um filho seu, que brincava a seu lado, tropeça e cae a meio d'essa linha. Se faz a «agulha» mata o filho, se não faz a «agulha» ha um choque medonho com dezenas de victimas. Fez a «agulha», gritando para o rapaz que se abaixasse o mais possivel. A providencia foi generosa, o garoto escapou, ferido, mas escapou.

Que força o dever e a disciplina tiveram n'aquella alma! Encheriamos este jornal narrando rasgos semelhantes. Foi decerto inspirado n'estes exemplos que o ministerio da guerra expediu ha pouco a circular, que aqui publicamos, e que contém doutrina, que certamente será observada, espontanea e briosamente, por todos quantos teem a honra de exercer a profissão das armas.

Em 1436, no reinado de D. Duarte, foi acommetido este reino de um tal ramo de peste, que foi extraordinaria a mortandade, não escapando o proprio D. Duarte, que apenas reinou 5 annos.

GAZETILHA

Meninas da minha infancia,
De cabellos prateados,
Se aos preceitos da elegancia
Por mal dos vossos peccados.
Inda ligas importancia,
Se da Moda andaes ao par,
Vinde cá se q'reis ouvir
Um caso que vou contar.
De lição pôde servir!

Outro dia certa dama
De belleza peregrina
Que a attenção sobre ella chama,
Cujo todo *papa-fina*
Vae nas azas da Fama
Percorrendo o mundo inteiro,
Esp'rava, cheia de *prôa*,
Ali na estação de Aveiro
O comboio de Lisboa.

Escuso de pôr na lista
Que era dama da alta roda
E portanto—salta á vista—
No puro rigor da Moda
Que por vezes é trocista.
Mui *travadinha* toda ella
E de enorme *chapelão*
Dava ideia d'uma umbella
Bem aberta em procissão!

Chega o comboio, e a *sada*,
Pr'ó wagon q'rendo subir,
De mil formas tenta, e nada,
Não no pôde conseguir!
Em gymnastica apressada
Vêm-se os pés a dar, a dar,
Por entre os risos brejeiros
Que começam de estalar
Dos alegres passageiros!

Quasi o comboio a partir,
Procura a bella d'um salto
A pés juntos attingir
O estribo que era um tanto alto,
Pois se arrisca a não seguir
A viagem projectada.
Notae, damas, os reveses
A que a Moda endiabrada
Vos sujeita algumas vezes!

Tal esforço ella empregou
Que o seu vestido *galante*,
Qual morteiro, arreventou,
Por detraz e por diante
E em duas alas ficou!
Inda p'ra mais o chapéu
Com dimensões do infinito
De encontro á porta bateu
E cá a dama num grito.

Ora eu não vos sei dizer
Como ella ficou no chão,
Porque... não gosto de vêr
Estas cousas, em razão
De... muito nervoso ser!
O que vos posso contar,
Que m'ò contaram tambem,
E' que a *diya* apanhou ar
Onde... lhe fez muito bem.

Por isso, meigas *meninas*
Da minha infancia distantes,
D'estas cousas pequeninas
Uma lição importante
—Muitas vezes das mais finas—
Se pôde tirar, olé!
Usae vestes bem *travadas*
Se tendes gosto ou *filé*
Em ser... tambem arejadas.

5—8.—911.

EL-VIDALONGA.

Assemblêa Nacional Constituinte

31.ª sessão—31 de Julho

O sr. Botto Machado mandou para a meza um projecto de lei de protecção aos animaes.

O sr. Padua Correia, em negocio urgente, referiu-se ao pedido que alguns revolucionarios civis fizeram á camera para serem collocados, á medida que isso vá sendo possivel.

O sr. Ministro do Fomento, respondendo-lhe, declarou que o governo tem a melhor vontade de attender esses revolucionarios que pedem pão. O certo, porém, é que muitos d'elles que tem sido admittidos nas obras do Estado têm sabido de lá por não poderem nem saberem trabalhar.

O sr. Ministro das Finanças tambem deu explicações sobre o mesmo assumpto, declarando que não é permitido nomear funcionarios publicos, sem o respectivo concurso. Porém, como o caso urge, pela sua parte fará quanto puder para que aquelles individuos que á Republica hajam prestado serviços sejam pela Republica recompensados.

O sr. Ramada Curto, em negocio urgente, apresentou, um projecto relativo á sonegação de bens em inventarios.

O sr. Ministro das Finanças declarou que concordava com o projecto do sr. Ramada Curto.

O sr. Egas Moniz fez algumas perguntas ao sr. Ministro da Marinha a respeito das eleições nas colonias.

O sr. Ministro da Marinha deu sobre o caso varios esclarecimentos.

Na ordem do dia continuou-se na discussão do projecto da Constituinte, fallando e apresentando emendas, entre outros, os srs. Manuel José da Silva, Antonio Maria da Silva, Antonio Macieira, Theophilo Braga, Afonso Costa e Pedro Martins.

32.ª sessão—1 de agosto

O sr. Antonio Leitão tratou do facto de se permitir aos estudantes presos por conspiradores fazerem exames nas suas escolas disse que em Coimbra até o estudante Costa Allemão foi fazer exame, aproveitando a occasião para dizer ao pessoal dos hospitaes que antes d'um mez teriamos a monarchia em Portugal.

O sr. Ministro da Justiça declarou que o governo se havia de occupar da questão em conselho de ministros.

O sr. Marques da Costa occupou-se da questão do jogo, affirmando que se jogava como no tempo da monarchia, e mandando para a meza um projecto de lei sobre o assumpto.

O sr. Sá Pereira fez largas considerações sobre eleições no ultramar, lamentando que as colonias não tenham ainda representantes no parlamento.

O sr. Ministro da Marinha deu explicações sobre o assumpto.

O sr. Ezequiel de Campos occupou-se da situação material de S. Thomé, onde, apesar de se terem gasto já centenas de contos, não ha nada. S. Thomé não possui sequer uma estrada, e aquelle caminho de ferro que ha annos se resolveu construir está ainda no troço de S. Thomé á Praia, com o qual se tem dado as mais comicas peripecias. Referiu-se ainda o orador ao estado sanitario da capital da ilha quer eputahorrible: d'um lado está o mar, do outro, agua putrefacta que satura a atmospheria de miasmas.

O sr. Ministro da Marinha, replicando, annuncia que vae tomar uma serie de providencias tendentes a melhorar a actual situação de S. Thomé.

Na ordem do dia — discussão da Constituição — fallaram e apresentaram emendas, entre outros, os srs. Dantas Baracho, Bernardino Roque, Theophilo Braga e Manuel Bravo.

33.ª sessão — 2 de agosto

O sr. presidente leu um officio do sr. Ministro dos Estrangeiros, convidando o presidente da camara a fazer-se representar na audiência que, para entrega de credenciaes, se realizou na 5.ª-feira, no Paço de Belem, em honra de sr. Morgan, novo ministro dos Estados Unidos da America do Norte. O sr. Braamcamp Freire propoz que a essa solemnidade assistissem a meza e os deputados que a ella quizessem aggregar-se.

O sr. Ministro da Justiça leu um projecto de lei, auctorizando o Governo a adiantar aos parochos que acceitarem as pensões que lhes concede a lei da Separação da Egreja do Estado.

O sr. Ministro das Finanças apresentou dois projectos: um sobre a circulação fiduciaria; outro, estabelecendo o pagamento de contribuições por quotas mensaes.

O sr. Sá Pereira occupou-se do direito á grève, propondo que a camara declare que reconhece esse direito.

Fallaram sobre o mesmo assumpto, entre outros, os srs. Estevão de Vasconcellos, Antonio Macieira, Julio Martins, Antonio Granjo e Alfredo Ladeira.

Na Ordem do dia — discussão do projecto da Constituição — fallaram e apresentaram emendas, entre outros, os srs. Theophilo Braga, Pedro Martins e Ladislau Piçarra.

Antes de se encerrar a sessão, o sr. Lopes da Silva fallou da questão do azeite, e o sr. França Borges interpellou o sr. Ministro do Interior sobre um processo que se diz ter desaparecido. O Ministro respondeu, dizendo que se tratava d'uma calumnia que desfez em breves palavras.

34.ª sessão — 3 de agosto

O sr. Ministro do Fomento occupou-se do conflicto surgido entre a lavoura e a moagem.

UMA RECITA

DO

“ROBERTO DO DIABO”

(CONTINUAÇÃO)

As freiras fazem um gesto de assentimento a este desejo de Bertran, que volta costas.

— Então já retira?

— Vou buscar o meu amigo, e cá lh'o deixo em meu lugar. Quero hoje deitar-me cedo! Ando moído!

— Faça o que quizer!

Tão depressa apparece Roberto, as freiras sentem reanimar-se pelo instincto das paixões, e tiram dos tumulos alguns objectos dos seus prazeres profanos, copos, dados,

O sr. Eduardo d'Abreu occupou-se da questão das pensões aos padres, dizendo que 6.000 pensões a 300.000 reis são 1800 contos, e que o sr. Ministro da Justiça, para fazer face a essa despeza, só tem ao seu dispor 712 contos.

Onde se vai buscar o dinheiro que falta?

Insiste pela relação dos parochos que até hoje têm pedido pensões, e a quanto montam as pensões concedidas. Não admite que haja quem se sobreponha ao governo, á commissão de fazenda e á propria camara, e por isso protesta contra o facto de haver quem esteja concedendo dinheiro aos padres, sacando conforme lhe apetece, sobre o thesouro publico.

Referindo-se ao projecto de lei apresentado na ultima sessão pelo sr. Ministro da Justiça, classifica-o de verdadeira auctorização parlamentar, em virtude do qual se pode dar aos padres todo o dinheiro que elles pedirem.

O orador refere-se depois á situação financeira do paiz, alludindo ás palavras do sr. Ministro dos Estrangeiros. E diz para os ministros:

— Estes senhores!

Incidentes

O sr. Brito Camacho—E' preciso ter o devido respeito por todos nós!

O orador—Eu não quiz offender ninguém.

Uma voz—Deu a hora!

O orador—Então calo-me!

O sr. França Borges—Se o sr. Eduardo de Abreu não está fallando em nome da commissão de fazenda, não pode continuar no uso da palavra!

Vozes—Não pôde ser! Ordem! ordem! Vamos á ordem!

Ha vozearia, e a exaltação na camara é extraordinaria!

Grita-se de todos os lados. Não se percebem as phrases que vibram pela sala.

O sr. Ministro da Justiça—E' preciso que o sr. Eduardo de Abreu explique as suas palavras. A camara não pôde ficar sobre a impressão que deixaram as suas insinuações!

E o sr. dr. Affonso Costa exprime-se com extraordinaria energia. O sr. dr. Eduardo de Abreu insinuou que o governo tinha gasto dinheiro indevidamente. Ora essa insinuação, que vae cahir em cheio sobre a Republica, preciso é ser esclarecida.

Agora, o barulho augmenta. Clama-se de todos os lados. Ninguém se intende, como não se intende o que se ouve. Ha em varios pontos da sala deputados discursando ao mesmo tempo.

Vozes—Não pôde falar!

—Cumpra-se o regimento!

O sr. dr. Eduardo d'Abreu—Quer todavia fallar mas não lh'o consentem.

Vozes—Falle no final da sessão.

—Ordem!

—Constituição!

amphoras, que sei eu?! E arrancam os vestidos! e enfeitam a fronte de corôas de cypreste! e não escutam, não desejam, não pedem senão prazeres! A dança torna-se bacchanal ardente de mulheres de seio nú e tranças cahidas... Roberto quer fugir; tem pudôr ainda, o honesto moço; mas as freiras agarram-o e puxam por elle em risco de o romperem: uma offerece-lhe um copo, outra um beijo: a abbadessa de Santa Rosalia procura seduzil-o por uma dança voluptuosa e provocante; as freiras dançam-lhe em redor, a noite vae serena, o ar está quente, as estrellas brilham no céu, as bacchantes empalidecem de desejos, e o convento não está allumiado senão pelos raios tentadores da lua... A abbadessa leva-o insensivelmente até um tumulo, que está aberto,—a deixa-o abraçal-a, indicando-lhe um ramo de cypreste, que

O sr. presidente logra fazer um silencio relativo. Os animos serenam, e os trabalhos começam emfim a decorrer em socego.

35.ª sessão—4 de agosto

O sr. Ezequiel de Campos occupou-se do projecto de lei sobre o regimen cerealifero, apresentado pelo sr. Ministro do Fomento.

Sobre o mesmo assumpto, fallaram outros deputados, entre elles os srs. Julio Martins, Rovisco Garcia, Affonso Coutinho e E. de Campos que poz em evidencia a necessidade de se construir canaes que irriguem e reguem o Alemtejo todo.

A America fez mais do que isso, transformando verdadeiros desertos de areia em campos preciosos. A agua dá-a o Tejo, que parece grande de mais para nós, e que ha-de ser um dia aberto, o Panamá, o centro da navegação de todo o mundo.

E por meio d'essa irrigação alemtejana, até Evora, pode transformar-se n'um grande centro industrial e commercial. Appliquem-se á construcção dos canaes os braços que presentemente emigram para o Brazil, e, d'aqui a poucos annos, a terra que é hoje posse exclusiva do sol passará a ser dominio do homem, que até agora a não tem podido aproveitar.

Na ordem do dia — discussão da Constituição — fallaram, entre outros, os Pedro Martins, Barbosa de Magalhães, Egas Moniz, Sidonio Paes e Dantas Baracho.

NOTICIARIO

Dr. Alberto Brito — Fez, na Universidade de Coimbra, acto da 12.ª cadeira da Faculdade de Medicina (4.º anno), obtendo a alta classificação de 19 valores, o nosso presado amigo sr. Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito que é justamente considerado como um dos mais bellos talentos da actual geração academica.

Com um abraço, enviamos-lhe os mais affectuosos cumprimentos.

Cachorrinho branco

—Escreve-nos o nosso presado conterraneo sr. Francisco Marques Barbosa, pedindo-nos para annunciarmos que está disposto a participar ás auctoridades que lhe furtaram no dia 2 do corrente, um cachorrinho branco, caso a pessoa que o retém não lh'o entregue dentro de quatro dias, a contar de amanhã, terça-feira.

Senhora da Graça

—Realizou-se, hontem, aqui, com muito brilho e grande concorrencia, a festividade em louvor

de N. Senhora da Graça, que annunciámos no ultimo numero. Lamentamos faltar-nos o tempo necessario para dar uma noticia detalhada d'esta bella festa, como era nosso desejo. Limitamo-nos, por isso, a felicitar os mordomos pelo bom exito dos seus esforços.

Transcripção — Pertence ao importante diario lisboense, o «Diario de Noticias», o artigo que hoje publicamos no logar d'honra,

Exames do 2.º grau — A sr.ª D. Guilhermina Fernandes Leal, distinctissima profesora em Albergaria-a-Velha, apresentou ao exame do 2.º grau as seguintes alumnas, ficando todas approvadas: Armandina Pereira de Lemos, Aurolinda Ferreira Pinto, Izaura Ribeiro de Magalhães Campos e Delmira d'Oliveira Miranda.

A' sr.ª D. Guilhermina Leal enviamos muitos cumprimentos por este bello resultado.

SECÇÃO LITTERARIA

Lindo olhar! Lindo cabelo!
Que olhos lindos que elle tem!
Ficou cego ao ver-me, e ao vel-o
Fiquei ceguinha tambem...

Violetas roxas! Vivinhas!
Sempre ajoelhadas n'esse chão...
Santas do outomno, tão velhinhas,
O' tristes rosas corcundinhas!
Santas da minha devoção!

O' minha doce Purinha
Quem és, ai dize quem és?
— Eu sou uma estrelinha,
Tenho a mais cabeça e pés.

Meadas de linha crua
Tão lindas! Dobae, dobae!
Feitas de raios da lua
E cabellos de teu pae.

Fui plantar um teu cabelo
Entre os choupos, no choupal,
E nasceu, anda lá vel-o,
Um choupinho tal e qual.

O' convento abre-me as portas!
O' phantasmas vinde abrir!
Acordae, ó freiras mortas!
Quero comvosco dormir...

Senhora da Boa-Nova!
Capellinha á beira-mar!
Ando a abrir a minha cova
Para n'ella ir morar.

Quiz morar á tua beira
Quiz lá fazer um torreão:
Não o pôde erguer na leira
Faço-o debaixo do chão.

não o sacrificar a mim!

—Modestia adoravel, porque não escreve um drama de enredo lugubre? o publico gosta immenso da litteratura horrivel! Quer encarregar-se de dramatisar a minha historia?

—A sua historia?

—Porque não!

Olhei-o, estava azul, não azul celeste, mas azul... diabolico. Se o theatro se allumiásse n'esse momento á luz bruxuleante de um fogo de artificio, acceital-o-ia sem réplica por um demonio de magica! Elle pareceu meditar um instante: depois, disse-me d'esta forma:

—Sou um dos heroes da historia que vou contar-lhe. Ou, não sou. E' melhor não ser. Faça de conta que eu nada lhe disse. E' certo apenas que se a natureza não favorecesse ás vezes pela riqueza de faculdades os instinctos do crime, as

Jesus, em seu testamento,
Entre outras coisas legou
Os seus suspiros ao vento,
Que para mim os passou...

Andas magrinha, andas rouca,
Tosses tanto, tanta vez!
Deitas sangue pela bocca...
O outomno é d'aqui a um mez!

Os lençoes com que o coveiro
Nos faz a cama, no chão,
Para o somno derradeiro,
Nunca mais se mudarão...

Quando eu partir, bom amigo!
Para a jornada do pó
Meu amor has-de ir commigo,
Que eu tenho medo de ir só.

New-York, 1897.

As algas

As algas negro-cerrado
Que eu trouxe da beira-mar
Guardo as n'um missal doirado,
Onde costume scismar.

A's vezes triste cançado,
Quando o vou a folhear,
Dentro do livro encantado
Eu oiço as algas chorar!

Choram os tempos de quando
Viviam no mar em bando
Com os peixes e as areias.

E eu scismo, ao ver esses trapos,
Que as algas são os farrapos
Dos vestidos das sereias!

Seixo, 1886.

A SCISMA

Outomno. Cêdo.
Descanço... Emfim!
Mar! Arvoredo!
Orae por mim!

Seja-me leve
A terra, alli...
Aguias de neve!
Voae! Parti!

Dizei na Torre
Ideal do ceu
Que um poeta morre.
Que morro eu!

O' pescadores,
Que andaes no mar,
Cheios de dôres,
A' luz do luar...

Que tendes certa
A morte,
E a cova aberta
A vossos pés:

Lançae a braça
Ao mar azul,
Pescae-me a taça
Do rei de Thul!

eventualidades do destino ou do acaso nem sempre tomariam a seu cargo enredar a acção de mil attentados fataes. O heroe da minha historia era uma d'essas organizações em que a energia da resolução rivalisa com a facilidade do engenho. Se houvesse querido ser homem politico, o seu nome talvez hoje escurecesse a gloria de Richelieu, de Mazarin, de Pombal, ou de Cromwell; e se a sorte tivesse feito de elle um d'esses desherdados atrevidos que teem por divisa, como os salteadores de Schiller. — «Guerra aos castellos, paz ás cabanas!» é certo que a temeridade do seu caracter aventureiro o haveria tornado mais temivel do que os fataes heroes da estrada, que contaram os crimes pelos dias...

Todavia, o ambito da sua existencia fôra sempre acanhado. Ricardo nascera debaixo do tecto obs-

Tem-na uma fada
Que eu bem o sei;
E' a bem amada,
D'esse bom rei.

Eu quero erguel-a,
Num brinde aos ceus.
Beber por ella
A morte... Adeus!

Eu nada espero
Do meu porvir.
Por isso quero
Morrer, dormir...

Ai, chora, chora,
Amada flôr!
Que amei, outr'ora,
Com tanto amôr!

Põe um enfeite
Com tua mão.
A lua de leite
No meu caixão...

A lua é nova,
E vou, emfim,
Dormir na cova...
Orae por mim.

Leça, 1886.

Antonio Nobre.

Da «Aguia»

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 3

Grandes tumultos

A' hora, em que escrevo, 4 da tarde, encontra-se em frente do edificio das côrtes grande multidão de povo que faz grande vozzeria e quiz entrar, á força, na Camara. Houve necessidade da intervenção da policia e da guarda republicana que foram recebidos hostilmente. Alguns ministros, entre elles, os sr. José Relvas e Brito Camacho, e alguns deputados, foram apupados, o que determinou que se effectuassem algumas prisões. Da multidão levantaram-se grandes protestos, procurando o sr. tenente Vieira, que commandava a força da guarda republicana, serenar os espiritos, por meios pacíficos, dirigindo-se em bons termos aos grupos mais exaltados. Nada conseguiu, vendo-se, por isso, na necessidade de lançar mão d'outros processos, como a dispersão dos numerosos grupos que estacionavam no largo das côrtes.

Houve ainda, infelizmente, alguns conflitos entre os populares, e a força armada, ficando feridos alguns soldados. A certa altura, a confusão era enorme, e difficilmente se podia passar em algumas ruas. Eu vi-me em calças pardas, como se costuma dizer, e tive de dar ás de Villa Diogo, para não ficar com ruins recordações de tal dia.

O movimento nas ruas durou até muito tarde, e consta-me que só ás duas horas da manhã é que foram levados para o Governo Civil e feridos alguns que haviam sido presos, entre elles uma mulher que foi encontrada com uma boa arregaçada de pedas.

Segundo me informam, saiu bastante ferido da refrega da noite o sr. major Maia.

Sobre os motivos de tão lamentaveis acontecimentos, poderei apenas informar que elles estão relacionados com o facto da Constituinte resolver não consignar na Constituição o direito á grêve, e com a questão do azeite.

—A colonia de S. João de Loure nesta cidade, querendo mostrar o grande

curo de uma aldêa, cavada entre duas serras. Descendente de uma familia de lavradores, aprendera com as benções de seu pae e as orações de sua mãe a domar a effervescencia da sua indole e os caprichos da sua organização.

Elle tinha vinte e tres annos. Quando a minha historia principia, vira expirar sua mãe, victima da idade e da doença, e não soltára uma lagrima ao apertar as mãos geladas da pobre enferma, que um momento antes de expirar lhe pedira na anciedade de quem antevê a eterna separação:

—Deixa-me dar-te o ultimo beijo, Ricardo!

Instante depois, o mancebo voltou o rosto enxuto e sereno para um canto do quarto, onde chorava convulsivamente uma rapariga, abraçada a um velho, que repetia uma oração, e disse-lhe:

amor que tem á musica «Velha-União», da sua terra natal, reuniu na rua Vasco da Gama, 78, com o fim de estudar a melhor maneira de conseguir que a referida philharmonica venha assistir aos festejos da rua de S. José.

Estiveram presentes os sr. Joaquim Nunes Baeta Junior, José Tavares de Figueiredo, Manoel da Silva Carracio, José Maria Dias da Silva, Manoel Dias da Quinta, Joaquim d'Almeida, José Ferreira Garro e quem escreve estas linhas. Assumiu a presidencia, por convite do sr. Garro, o sr. Joaquim Nunes Baeta Junior que expoz os fins da reunião. Trocadas impressões, resolveu-se ir fallar com a commissão dos festejos da rua de S. José que nos recebeu muito amavelmente e que offereceu já 600000 reis. Ficou marcada nova reunião para terça-feira.

—Tem passado bastante incommodado o nosso amigo sr. José Baeta Vidal a quem desejamos rapidas melhoras.

—Foi aqui muito sentida a morte do sr. José d'Almeida, um dos socios mais estimados da musica «Velha».

Paz á sua alma, e sentidas condolencias a toda a familia enlutada.—Melicias.

Alquerubim, 3

Na quarta-feira, 9 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na egreja matriz da freguezia de Eírol, hão-de fazer-se exequias sollemnes suffragando a alma da sr.ª D. Anna Victoria Amador, viuva de João Pedro Amador, da Ponte da Rata, fallecida em 12 de Julho ultimo.—C.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

Curiosidades

Suprehendente vista do monte de Sameiro

Sameiro fica a um kilometro do Santuario do Bom Jesus; é um monte fragozo, ingreme, mas dotado de uma verdura permanente e encantadora.

Descobre-se do alto d'este monte a linda villa de Barcellos, a populosa e commercial cidade de Viana, a praia de Moragueiras no Gerez, Guimarães e a bem conhecida egreja da Lapa no Porto.

E' ali que foi construido o grande monumento á Immaculada Conceição de Maria, para o qual foi lançada a primeira pedra no dia 24 de junho de 1863.

Fumistas de cinco e seis annos

Em Mazagão, pequena villa do Pará, são as proprias mães que acostumam os filhos a fumar. Todas as mulheres d'aquella provincia fumam em grandes cachimbos, feitos de canna taquari; cachimbos que mettem na bocca dos filhos ainda de mama quando cho-

—Nossa mãe morreu, Joanna!

Cobriu com a dobra do lençol o rosto livido da defuncta, passou um braço sobre o hombro de sua irmã, e, levando-a do quarto, continuou dizendo-lhe:

—Não chores assim! Os teus olhos tornam-se feios pelas lagrimas. Deixa-me enxugar-os com os meus beijos! Tens dezanove annos, Joanninha, e n'essa idade não ter mãe é ser anjo e não ver o céu! Ha de passar-se na tua alma uma tormenta de angustias e saudades, mas ergue a fronte e esquece! Has de ser velha um dia, e morrerás talvez sem que te chorem. Perdeste tua mãe... Rapariga a mim!

—A rapariga respondeu debilmente:

—Tenho meu pae!

Ricardo morreu-se.

—Teu pae! E que esperas d'elle, pobre velho sem animo, que alli

ram. Por esta fórma se acostumam as creanças que aos cinco ou seis annos já são grandes fumistas.

Ode, mira

Depois da tomada de Silves, entrou nas tropas christãs, no regresso para Lisboa, a barra do rio de Odemira e pretendendo tomar a villa, dividiram-se por barcos, até que chegaram á villa e avistados pela moura, mulher do governador por nome Ode, que se achava no castello, hoje cemiterio, foi ella chamar o marido, dizendo-lhe:—*Ode, mira*, mostrando-lhe os christãos, que ouvindo estas palavras deram á villa o nome de Odemira.

Raridades portuguezas

Em Cabo Verde não ha animaes venenosos e as cabras parem duas vezes no anno.

Na Ilha de Santo Antão colhe-se o milho duas vezes no anno e na Brava um alqueire d'elle produz quatrocentos.

Em Moçambique, faz-se vinho de palmeira, chamado *nipa*.

Na de Santo Antão encontra-se rico marmore e bolo armenio. Em Timor ha uma fonte que em lugar de agua corre petroleo.

Sobre o rio Buge em Sofala, ha uma ponte natural, formada pela altura de um grande rochedo.

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

Leituras amenas

PUERILIDADE

Numa tarde serena d'agosto em que o sol a declinar no horizonte espargia os seus derradeiros raios já rubros, corria uma viração suave que fazia ondear as ramarias, onde os passarinhos gorgeavam.

—Joaquimzinho, sympathica creança, mais alegre que uma manhã de primavera, mais meiga que a brisa acariciadora, anda, de cabello solto em aneis, em moldurar-lhe o rostito moreno, animado por uns olhos negros muito brilhantes, brincando no quintal com os seus amigos mais intimos: o Jorge, o Luiz e o Alfredo, tres traquinas como elle, felizes e joviaes.—Jogam o eixo. Que vertiginosas correrias! Que estridentes risadas...—Mas os sinos do campanario proximo fizeram ouvir tres badaladas, que retumbaram muito sonoras e plangentes: «avé-marias». A brincadeira termina; não se ouvem já as risadas estridentes,

está ainda no quarto de nossa finada mãe, rezando por não poder chorar!

—Não blasphemes, meu irmão! disse a rapariga com uma expressão angelica. Não blasphemes, porque tambem não choraste!...

A tua dôr não foi tão grande, Joanninha, que te impedisse de me observar! replicou Ricardo com o seu frioz sorriso. Escuta. Tu não comprehendes a robustez da minha organização, nem adivinhas sequer quanto é tenue a tua! Nossa mãe acaba de nos faltar, e n'estes primeiros tempos estremecerás de susto ao mais leve som que se assimilhe ao da sua voz, ao mais subtil passo que dê idéa do seu andar, a qualquer coisa natural e simples em que encontres uma lembrança, ou que te desperte uma saudade. Não deves permanecer n'esta casa. Voltarás depois. Espairece agora pelos

e acabaram as correrias vertiginosas.

Joaquimzinho afasta-se dos companheiros e, muito apressado, acerca-se da mamãzinha que veio ao seu encontro, pois o esperava já ansiosa, dizendo-lhe com a voz a trasbordar de ternura: vamos rezar pelo avô? A mãe sorriu-se e, depois de o beijar, rezou com elle, pelo velhinho de cabellos de neve que Deus tinha chamado para si, havia poucos mezes.

A lua avisinhava-se, e já a lua de prata com uma luz e ainda ténue illuminava o azul do firmamento, onde milhares d'estrellas começavam a reluzir muito brilhantemente, succedendo áquella tarde serena d'agosto em que o sol a declinar no horizonte espargia os seus derradeiros raios já rubros, e a viração fazia ondear suavemente as ramarias das arvores, onde os passarinhos tinham cessado de soltar os seus gorgeios.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	174\$650
Padre Manuel da Cruz . . .	1\$500
José Liborio . . .	1\$000
D. Carolina Adelaide de Mello . . .	1\$000
Manuel Rodrigues Vieira . . .	1\$000
Bispo d'Angola e Congo . . .	10\$000
Somma . . .	189\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto rua de S. Miguel, n.º 36.

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por Rocha Martins

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

campos, e procura no arôma das flores, na frescura da brisa, no pallido clarão do despedir do sol pelas cumiadas dos montes, a tranquillidade que não encontrarias aqui. Irás para casa de tua madrinha, e que a sua predilecção por ti encontre carinhos que amenisem o pungir das tuas saudades. partirás para a semana!

—Não! Ricardo! Não desamparo meu pae.

—Eu o acompanharei. Precisa mais do amparo d'um homem, do que das meiguices de uma creança. Partirás!

A vontade de Ricardo era sempre respeitada em casa. A rapariga treze dias depois, teve de obdecer, e partiu acompanhada pelo irmão.

Durante o caminho, nenhum de elles soltou uma palavra. Dir-se-ia que o coração de Joanninha adivinhava alguma coisa mais fatal ain-

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

DA

Livraria Central de Gomes de Carvalho

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

Album das glorias: Homens de Estado, poetas, jornalistas, dramaturgos, actores, politicos-pintores, medicos, industriaes, typos, etc. Texto de João Rias, to e João Ribeiro (Guilherme d'Azevedo e Ramalho Ortigão). Desenhos de Raphael Bordalo Pinheiro, lithographias de Justino Guedes. Tudo que publicou, 2\$500 réis.

(D'ocasião)

Amores novos. Versos por Henrique Trindade Coelho. 1 vol., 400 réis.

Amorosas. Dez contos, em prosa, de Rabelais (Alfredo Galles). 1 vol., 600 réis.

Anna Karénine, par Léon Tolstoi. Introduction par Emile Faguet, de l'Académie française. 2 vol. illustr., rel. 600 réis.

Breves noções do Espiritismo e dos seus principios e ensinos. Coordenadas e editadas pela Redacção da Revista Psychica «A Luz da Verdade». 1 vol., 250 réis.

Cancion de Cuna. Comedia em dos actos, por G. Martinez Sierra. 1 vol., 700 réis.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

da que a morte de sua mãe... A estrada era longa e a tarde declinava. Havia na palidez do sol uma côr estranha e de mau presagio: pareciam ensanguentados os seus ultimos raios! Ao regressar a casa, e desde o momento em que Joanninha deixou de avistar seu irmão, Ricardo conheceu que ia desamparado moralmente, — porque, e em quanto tivera aquelle anjo ao seu lado, sentira-se forte e sereno de animo; e agora, sentia-se fraco, isolado e medroso.—Anoitecera. O firmamento principiava a olhar a terra com todos os seus olhos... A brisa da noite espreguiçava-se brandamente, e levava no seu regaço mil segredos de crime e mil segredos d'amor...

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

Livraria Fernandes

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, obtendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Praia, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZAPARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR
Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alquem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Praia, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—20300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira relligiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL
DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição
franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarização, em forma clara e attrahentissima, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENA

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de character permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A' venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semannario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracão:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil—anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . 10 reis
Communicados, cada linha. . . 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

4.^o ANNO—N.^o 30